

# abpi.empauta.com

Associação Brasileira da Propriedade Intelectual  
Clipping da imprensa

*Brasília, 04 de junho de 2021 às 07h28*  
*Seleção de Notícias*

## Estadão.com.br - Últimas notícias | BR

Patentes

**A espera pela suspensão de patentes está custando vidas . . . . . 3**

## CNN Brasil Online | BR

Pirataria

**Pirataria na saúde afeta máscaras, remédios, vacina e coloca população em risco . . . . . 5**

## Yahoo! Vida e Estilo | SP

04 de junho de 2021 | Propriedade Intelectual

**Filmes e séries brasileiros se multiplicam nas plataformas em guerra do streaming . . . . . 8**

TONY GOES

## A espera pela suspensão de patentes está custando vidas



Felipe de Carvalho. FOTO: DIVULGAÇÃO

A cada dia que se arrasta a negociação na Organização Mundial do Comércio (OMC) pela suspensão de patentes e por outros direitos de exclusividade sobre vacinas e tratamento da Covid-19, milhões de pessoas são condenadas à exclusão, sofrimento e morte. De acordo com estudo do Grupo Direito e Pobreza da Universidade de São Paulo (USP), caso o compartilhamento do conhecimento para produção de vacinas de mRNA já fosse uma realidade, cerca de 1.000 a 1.500 mortes poderiam ser evitadas diariamente no Brasil. No último dia 31 de maio, o Brasil manteve-se no grupo cada vez menor de países que está atrasando a decisão da OMC.

A suspensão está prevista nas regras da organização e sua aplicação para Covid-19 foi proposta há oito meses. Cabe lembrar que diversas fábricas, que produzem as vacinas de Covid-19, foram estabelecidas do zero em menos de seis meses. Ou seja, não é absurdo supor que, caso a negociação tivesse sido pautada pela urgência de saúde, hoje já haveria novos produtores ajudando a acabar com a escassez de vacinas. No entanto, o debate está sendo pautado como se patentes valessem mais que vidas.

No ritmo atual, mais de 90 países não alcançarão nem 30% de cobertura vacinal até o fim do ano. No início desse mês, o presidente dos EUA reconheceu que as

regras de propriedade intelectual são parte do problema, por isso a sua suspensão é parte da solução. No dia 31, os EUA defenderam o avanço imediato da negociação, assim como a China. O Brasil não, sob o argumento de que a cooperação com as grandes farmacêuticas seria mais "pragmática".

No entanto, tais empresas rejeitaram duas grandes iniciativas de cooperação voluntária da OMS. Também recusaram parcerias com empresas de países como Canadá, Israel, Dinamarca, Índia, Paquistão, Bangladesh e Indonésia, que ofereceram fábricas e expertise para ampliar a produção. De acordo com a UNICEF, apenas 43% da capacidade mundial de produção de vacinas está sendo usada.

A suspensão de direitos de propriedade intelectual pode transformar este cenário. Um efeito imediato será nas cadeias produtivas existentes. Ao contrário do que muitos afirmam, há uma relação direta entre **patentes** e falta de insumos para produção de vacinas como bolsas e filtros de biorreatores e nanopartículas de lipídios. Por serem itens patenteados, a produção é limitada. A suspensão ajuda a resolver esse gargalo, abrindo espaço para novos fornecedores. Outro efeito de curto prazo é a entrada de empresas que já estão preparadas para atuar, como as dos países citados acima. Algumas inclusive capazes de fazer engenharia reversa de certas vacinas, dispensando **transferência** de tecnologia.

No médio prazo, ainda que as informações liberadas com a suspensão de patentes sejam insuficientes para a reprodução de vacinas, ou que as grandes empresas se recusem a compartilhar o que sabem, com a suspensão haverá muito mais liberdade para o estabelecimento de redes de colaboração envolvendo instituições públicas de pesquisa e produtores de países em desenvolvimento, que podem viabilizar os esforços de produção local. A multiplicação de fontes qualificadas de abastecimento é ainda mais

Continuação: A espera pela suspensão de patentes está custando vidas

essencial, caso se confirme a necessidade de vacinação periódica.

A proposta de suspensão também melhora a oferta de tratamentos já aprovados, que estão apontando para significativa redução da mortalidade. Países que estão beirando uma terceira onda e que estão proibidos de comprar genéricos poderão se beneficiar imediatamente.

Mais de 110 mil brasileiros e brasileiras já assinaram uma petição lançada por Médicos Sem Fronteiras (MSF), que pede ao Itamaraty apoio integral à suspensão das patentes, na condição de patrocinador. Nos dias 8 e 9 de junho, a reunião na OMC será uma grande oportunidade para essa mudança. Nas próximas semanas, o Congresso também tem a oportunidade histórica de aperfeiçoar a lei de patentes, votando um texto que reúne as melhores ideias de projetos de lei apresentadas na Câmara e no Senado. A proposta permite a aplicação do licenciamento compulsório de forma mais completa e eficiente, nesta e em outras emergências de saúde, contribuindo para preservar o país de crises de abastecimento de produtos essenciais.

Conforme nos aproximamos dessas transformações,

surtem ameaças de retaliação e ou de suposto desincentivo à inovação, que no passado nunca se confirmaram ou se transformaram em grandes desastres de imagem para as empresas. A saúde financeira das grandes farmacêuticas vai muito bem, com bilhões injetados em pesquisa pelo setor público e com bilhões em lucro provenientes das vendas de vacinas sob monopólio patentário. A suspensão global ou o licenciamento nacional não representam incertezas para o setor, mas o compromisso de acabar com as incertezas diárias, que milhares de profissionais de saúde, ainda não vacinados, sofrem enquanto lutam para salvar vidas em UTIs lotadas, ou para pôr fim a angústia de pessoas dos grupos de risco ainda excluídas.

A escassez não é inevitável. Os desafios técnicos não são insuperáveis. As crises de acesso só existem quando falta um ingrediente essencial: humanidade.

**\*Felipe** de Carvalho, coordenador no Brasil da Campanha de Acesso de Médicos Sem Fronteiras (MSF)

Felipe de Carvalho\*

## Pirataria na saúde afeta máscaras, remédios, vacina e coloca população em risco



Com a disparada da procura por itens de proteção como máscaras, luvas e álcool em gel, não demorou para que os falsificadores chegassem a esse setor. A pandemia de Covid-19 abriu mais um nicho do mercado para criminosos. Com a disparada da procura por itens de proteção como máscaras, luvas e álcool em gel, não demorou para que os falsificadores chegassem a esse setor.

"O primeiro movimento que nós enfrentamos em 2020 foi exatamente de combate à **falsificação** à venda de produtos que são utilizados na pandemia", diz Edson Vismona, presidente do Fórum Nacional Contra a **Pirataria** e Ilegalidade.

Uma das maiores fábricas de máscaras de alta pro-

teção de São Paulo, a Venkuri viu sua produção crescer é cinco vezes em relação ao período pré-pandemia, mas o dono acredita que poderia ter avançado ainda mais, se não tivesse que concorrer com os **produtos** piratas. Para comprovar as **falsificações**, ele enviou várias máscaras presentes no mercado para um laboratório que testa a eficácia. O resultado?

"[Os itens analisados] ficaram totalmente aquém do que deveria ser nos quesitos restauração, respirabilidade e barreira bacteriana. As máscaras falsificadas não seguiam a norma quanto à forma do elástico e da filtragem, que é o mais importante", disse André Aiach, dono da Venkuri.

Yuri Gricheno, empresário, sócio-fundador da Insider, fábrica que produz máscaras antivirais, também é obrigado a disputar o mercado com a **pirataria**. O produto feito nessa empresa promete 99,9% de proteção contra o vírus da Covid-19. Para ter essa certificação, porém, precisou passar por várias etapas de testes. Bem diferente do produto falsificado.

"As máscaras piratas podem até oferecer uma comprovação falsa de que são eficazes contra vírus e bactérias sendo que às vezes são meras máscaras de pano", diz Gricheno.

"A minha dica é procurar empresas que estão estabelecidas no mercado há muito tempo, empresas que têm história, empresas que são sérias. Isso não é difícil hoje em dia de se descobrir. Grandes redes de farmácia vendem bons produtos", diz Aiach, da Venkuri.

### Risco para a saúde

Para a saúde, o prejuízo com a **falsificação** é muito mais alto. "Existe obviamente o prejuízo econômico,

Continuação: Pirataria na saúde afeta máscaras, remédios, vacina e coloca população em risco

mas acho que o prejuízo maior é para o usuário, que acha que está protegido, mas não está", diz Aiach.

O problema vai muito além das máscaras. Segundo a Receita Federal, entre os meses de janeiro a abril deste ano foram apreendidas 1.119 caixas de luvas cirúrgicas falsificadas. Em 2020, no mesmo período, foram apenas oito. Ou seja, um aumento de mais de 1.300%. O órgão também apreendeu mais de uma tonelada (1,3 tonelada) de medicamentos ilegais, contrabandeados e falsificados. Isso apenas nos quatro primeiros meses deste ano.

"Se o preço está muito baixo, desconfie, alguma coisa está errada, porque a margem para essas empresas farmacêuticas junto às drogarias não é enorme. Se algo custa R\$ 100 e eu vou te vender por R\$ 25, não é possível", diz José Marcelo Natividade, endocrinologista.

Foi justamente o preço mais baixo que fez um homem com quem a reportagem conversou, e que pediu para não ser identificado, comprar pela internet um remédio para emagrecimento falsificado sem saber que estava sendo enganado.

"Uma pessoa me indicou, falou que era bom. O produto era 60% mais barato, aí você já arregala o olho. E eu comecei a tomar o remédio", conta.

Bastaram algumas doses para ele perceber que alto estava errado. "Sentia as pernas fracas e não conseguia andar, tinha que me apoiar na parede. Era muito mais barato, achei que ia me dar bem, mas isso quase custou minha vida", diz.

Itens mais caros são alvo

Em São Paulo, a Receita Federal registrou no ano pas-

sado um aumento de 147,65% nas apreensões de medicamentos piratas e contrabandeados, quando comparado com 2019.

De acordo com a **Anvisa**, os medicamentos mais pirateados no Brasil costumam ser os de alto custo. Para diabetes, hepatite, câncer e hormônios para crescimento. Mas, na lista, também entram os remédios para emagrecimento e disfunção erétil.

Sem mandar para a análise, não dá para saber o que realmente contém em um medicamento falsificado. Dependendo da substância, pode haver vários efeitos colaterais.

"Pode elevar a pressão arterial durante o sono e você sofrer um AVC, por exemplo", alerta o endocrinologista José Marcelo Natividade.

"Esse é um caso que, inclusive, acaba sendo um crime contra a saúde pública. É muito mais grave do que uma simples **pirataria** ou do que um crime contra a propriedade industrial", diz Wagner Carrasco, delegado da 1ª Delegacia de Polícia de Investigações de Propriedade Imaterial, do Deic.

O início da vacinação contra a Covid-19 no Brasil também acendeu um alerta nas autoridades. O **Conselho** Nacional de Combate à Pirataria passou a monitorar mais de 2 mil sites com possíveis ofertas de imunizantes. Em Minas Gerais, uma falsa enfermeira e o filho chegaram a ser presos depois de aplicar vacinas em empresários.

A suposta vacina contra a Covid-19 teria sido aplicada em mais de 50 pessoas. Com a investigação, a polícia descobriu que o imunizante era falso.

"Essa é uma preocupação muito grande, porque, na

Continuação: Pirataria na saúde afeta máscaras, remédios, vacina e coloca população em risco

ânsia de querer se imunizar logo, o consumidor pode ser enganado. Todo mundo fica muito inseguro. É importante deixar bem claro que alguns tipos de produtos pode gerar muito mais mal do que bem", diz Juliana Domingues, presidente do **Conselho** Nacional de Combate à Pirataria.

Seja na saúde, no digital ou no comércio físico, quando o assunto é **pirataria**, a matemática só pode ter um resultado: o negativo para consumidores e para o desenvolvimento do país.

## Filmes e séries brasileiros se multiplicam nas plataformas em guerra do streaming



SÃO PAULO, SP (FOLHAPRESS) - Até pouco tempo atrás, não existia ficção brasileira no streaming. Foi só em 2016 que estreou a primeira série nacional numa grande plataforma - "3%", uma produção da Boutique Filmes para a Netflix. De lá para cá, o mercado só cresceu. A chegada e a expansão de novos serviços, como o Globoplay, o Amazon Prime Video e o Paramount +, aumentaram muito a demanda por conteúdo local. Praticamente todas as grandes produtoras de São Paulo e do Rio de Janeiro estão elaborando filmes e seriados para o streaming. Ao mesmo tempo, os canais pagos reduziram consideravelmente suas encomendas de ficção. Ao contrário do que acontece com a TV paga, ainda não existe nenhuma legislação que obrigue as plataformas a oferecer um certo percentual de conteúdo brasileiro. Elas também não usam nenhum mecanismo público de financiamento - bancam as produções do próprio bolso, e ainda adquirem a propriedade intelectual delas, isto é, os direitos sobre esses produtos.

"Tem mais dinheiro no streaming", diz Andrea Barata Ribeiro, sócia e diretora-executiva da produtora O2. "É uma delícia não ter que trabalhar com di-

nheiro público", continua ela, referindo-se aos constantes problemas na prestação de contas a órgãos como a Ancine, a Agência Nacional do Cinema. Ninguém revela números, mas, de modo geral, um episódio de uma série para o streaming custa mais caro do que o de uma novela da TV aberta, que gira em torno de R\$ 500 mil. Um dos motivos é o acabamento, que precisa ser caprichadíssimo. Mesmo tendo como alvo o público brasileiro, nas plataformas, o produto viajará o mundo inteiro, concorrendo com todo tipo de produção internacional. No final, porém, a novela acaba saindo muito mais cara, pois tem cerca de 120 capítulos, enquanto as séries raramente passam dos dez episódios por temporada. Uma vez donas do IP - sigla em inglês para propriedade intelectual - , as plataformas podem fazer o que quiserem com as séries.

Refilmá-las no exterior, por exemplo, sem a participação da produtora original, ou mesmo trocar de produtora de uma temporada para outra. É raro, mas já aconteceu. E como surgem essas produções? "Não há uma regra fixa", conta Caio Gullane, sócio da produtora Gullane Entretenimento. "Muitas vezes, é a produtora quem procura as plataformas, com uma ideia mais ou menos desenvolvida. Em outras, são elas que nos procuram com uma demanda específica." A Gullane, por exemplo, refez no Brasil a série francesa "Hard", a pedido da HBO. Já para precificar um IP, entram no cálculo o conhecimento prévio de que desfruta o material de origem - se foi um livro best-seller, por exemplo, ou uma história em quadrinhos cultuada -, o currículo da equipe e o apelo internacional. No entanto, sempre se corre o risco de se pagar demais por um eventual fracasso. "Há diversos modelos de contrato e os termos são definidos a depender de cada projeto", diz Ana Carolina Lima, de conteúdo do Globoplay.

"Normalmente temos os direitos preservados no resto do mundo, para que o Globoplay Internacional também possa ofertar o conteúdo brasileiro em diversos territórios." Também é comum que atores ou



Continuação: Filmes e séries brasileiros se multiplicam nas plataformas em guerra do streaming

escritores procurem diretamente as plataformas, sem estarem ligados a nenhuma produtora. Foi o caso da autora Natalia Klein, que ofereceu à Netflix um projeto de série. Uma vez aprovado, a O2 foi chamada, e o resultado é "Maldivas", ainda em filmagem, que tem Bruna Marquezine e Manu Gavassi no elenco e deve estrear em 2022. Não é raro que as próprias produtoras adquiram os direitos de um livro, por exemplo, e se ofereçam para desenvolver um produto baseado nele. Hoje já existem no Brasil empresas especializadas em pôr projetos de pé, formando pacotes com o talento - como o mercado chama os atores -, os roteiristas e o diretor, e, às vezes, combinando produtoras diferentes. "Nós somos facilitadores", afirma Gil Ribeiro, sócio da Coiote, uma dessas empresas.

"Somos produtores focados em desenvolvimento. Procuramos ideias, showrunners, os nomes ideais para cada projeto. Não concorremos com ninguém." Paula Cosenza, sócia do Ventre Studios, vai pelo mesmo caminho. "Não temos clientes, temos parceiros." Sua empresa só desenvolve os projetos, sem produzi-los. Eles fazem a bíblia, um manual da série, e os roteiros, mas as filmagens ficam a cargo de outras produtoras. Desenvolver conteúdo para o streaming significa lidar ainda com outro dado novo: o algoritmo. As plataformas não divulgam números de audiência, mas, evidentemente, sabem o que fez sucesso e o que não fez. Na verdade, sabem até o ponto em que o espectador deixou de ver uma determinada série. "A taxa de retenção é o mais importante no streaming", afirma Tereza Gonzalez, chefe de desenvolvimento de ficção pan-regional do VIS, o ViacomCBS International Studios. "Às vezes, uma série tem um 'ataque' muito forte, por causa de seus atores", prossegue ela, se referindo ao número de pessoas que se interessam pelo primeiro episódio. "Mas, depois, poucas veem até o fim." As métricas usadas pelas plataformas servem para atenuar esse problema, mas não são infalíveis nem impositivas. "Existe uma lenda de que há uma máquina em que a gente joga um roteiro e ela diz quantas pessoas vão ver", afirma, aos risos, Adrien Muselet, diretor de filmes para o Brasil da Netflix. "O algoritmo é só mais

um dado para te orientar, como o Ibope para a TV aberta ou a bilheteria para o cinema. A decisão de realizar uma série ou um longa é 100% humana, e se baseia muito na intuição e na experiência do executivo." Conseguimos tomar decisões muito mais embasadas com esses dados [das métricas]", contrapõe Malu Miranda, chefe de conteúdo original da Amazon Prime Video no Brasil. "Quando percebemos que há uma lacuna no mercado, podemos encomendar aquilo para alguém, ou então surge uma ideia aqui dentro mesmo." Como o mercado está aquecido, já existe escassez de mão de obra em todas as fases do processo.

"Não faltam só roteiristas, mas também finalizadores, controllers [quem gerencia o processo contábil numa produção audiovisual] e até advogados especializados em entretenimento", diz Renata Brandão, CEO da produtora Conspiração. Também faltam leis que regulamentem esse mercado. "Se não vamos ter apoio do governo, temos que nos organizar como indústria e exigir das plataformas os mesmos direitos que elas dão nos Estados Unidos e na Europa", afirma Renata Moraes, sócia da LB Entertainment - produtora que já foi mais convencional, sob o nome Losbragas, e hoje se define mais como uma desenvolvedora de projetos. Não existem contratos de exclusividade entre as produtoras e as plataformas, mas algumas parcerias costumam ser longevas. Conspiração, Gullane e O2, que estão entre as maiores produtoras do Brasil, são fornecedoras habituais de todas as grandes plataformas. "Uma conversa bem quente entre os produtores é o bônus por sucesso", acrescenta Andrea Barata Ribeiro.

"Se uma série for bem, queremos ser melhor remunerados pelas temporadas futuras." Para esquentar a discussão, várias produções brasileiras vêm fazendo sucesso no exterior. Adrien Muselet aponta o bom desempenho internacional de filmes como "Modo Avião" e "Tudo Bem no Natal que Vem", na Netflix. "Foi uma surpresa descobrir que existe uma audiência potencial muito grande lá fora para o nosso conteúdo", conclui ele. Ou seja - a briga promete ser boa. \* PRÓXIMAS APOSTAS NA-

Continuação: Filmes e séries brasileiros se multiplicam nas plataformas em guerra do streaming

CIONAIS DO STREAMING Amazon Prime - 'Dom': Breno Silveira dirige o drama inspirado na história real de Pedro Dom, jovem da zona sul carioca e filho de policial que virou criminoso nos anos 1990, lançado nesta sexta (4) - 'Manhãs de Setembro': a cantora Liniker vive uma motogirl, e artista cover de Vanusa nas horas vagas, que descobre um filho desconhecido na série, que estreia em 25 de junho Disney+ - 'Disney Tudo Igual...SQN': prevista para estreiar em 2022, a série se baseia no livro 'Na Porta Ao Lado', de Luly Trigo, e acompanha uma turma de amigas adolescentes Netflix - 'Casamento às Cegas Brasil': com apresentação do casal Camila Queiroz e Klebber Toledo, versão nacional do reality traz solteiros dispostos a se casar sem terem noção da aparência do parceiro - 'De Volta aos 15': na série, personagem de Camila Queiroz, de 30 anos, volta ao seu corpo de adolescente, papel de Maísa Silva - 'É o Amor': registra o cotidiano de Zezé Di Camargo e de sua filha Wanessa - 'Maldivas': seriado que acompanha o cotidiano de um condomínio na Barra da Tijuca, no Rio, tem Bruna Marquezine e Manu Gavassi no elenco e deve estreiar em 2022 - 'Brincando com Fogo Brasil': traz 14 solteiros confinados num paraíso tropical - 'Ideias à Venda': jogo de empreendedorismo - 'QueerEye Brasil': versão nacional

do programa em que cinco homens gays dão dicas de estilo de vida - 'Vizinhos': longa com Leandro Hassum e Paulinho Gogó Globoplay - 'Desalma': segunda temporada do seriado, que se ancora no terror para mostrar uma mulher que se muda com as filhas para uma cidadezinha fundada por ucranianos Paramount + - 'Adriano, Imperador': série documental sobre o jogador de futebol - 'Anderson 'The Spider' Silva': outro documentário em forma de série, sobre o lutador de MMA - 'Os Fora da Lei': filme dirigido por Guel Arraes combina ação e humor - 'As Seguidoras': longa estrelado por Maria Bopp (a Blogueirinha do Fim do Mundo) e Raissa Chaddad com roteiro de Manuela Cantuária, colunista do jornal Folha de S.Paulo - 'Rio Shore': versão nacional de uma franquia da MTV Star - 'Bios - Vidas que Marcaram a Sua': segue a série dedicada a personalidades - 'Impuros' (3ª temporada): ficção sobre os meandros do narcotráfico - 'Insânia': série de terror com Carol Castro - 'Silvio Santos, a Série': série ficcional baseada na trajetória do dono do SBT, com José Rubens Chachá no papel principal

## Índice remissivo de assuntos

**Inovação**  
3

**Patentes**  
3

**Pirataria**  
5

**Propriedade Intelectual**  
8